

palavra fica pois decomposta em dois elementos, e o autor vê no primeiro o dativo *Reve* de outro nome divino que aparece numa pedra galega cuja inscrição deu a lume no mesmo *Boletim*, LVIII, 513. Esta decomposição é porém incompreensível, pois dizendo o Sr. Fita no *Boletim*, LVIII, 513 e 514, que *Reve*, na pedra galega, é o dativo de *Reva*, nome feminino («la diosa *Reva* ou *Reua*»), como é que na inscrição igeditana faz concordar com essa palavra outra no masculino, visto que o suposto *Langanitaeco* termina em *-aeco*?

O Sr. Fidel Fita não hesita, no *Boletim*, LVIII, 514, em comparar a *Reve* galega com o latim *rivus* e o francês *rivière*, quando é evidente que estas palavras nada tem com aquela: em *rivus* o *i* é longo, ao passo que em *Reve* temos *e*; o francês *rivière* vem de *riparia*, que deriva de *rîpa*.

Pena é que a grande erudição, que o Sr. Fidel Fita realmente possui, não se submeta sempre às exigências do método glotológico.

J. L. DE V.

Apontamentos arqueológicos do concelho de Marco de Canaveses

(Continuação d-O Arch. Port., XIX, 12)

Mais insculpturas se acham dentro de um prédio culto, com olival, pertencente à família Castro, ali residente; o prédio fica fronteiro à capela da família Serpa, do outro lado do caminho ou rua. A fraga em que estão gravadas as insculpturas é plana e está toda de nível com o solo adjacente. Demos começo à nossa descrição principiando pela maior das quatro fossas. É uma escavação de forma rectangular, de 4 metros de comprimento, 2^m,45 de largura e 0^m,37 de altura. Falta-lhe uma das paredes maiores, a da frente, que foi destruída; é, porém, fácil reconstituí-la pelos vestígios que deixou na superfície da fraga. A fossa tinha deste lado um bueiro para escoamento pelo sulco que se vê cavado do lado de fora da parede que falta. O sulco começava já no interior da fossa, em cujo pavimento se notam vestígios dêle, atravessava depois a parede da fossa e seguia em declive pela superfície da pedra fora até a extremidade desta. Neste ponto está partido, porque o restante da fraga foi estilhaçada. O sulco tem de comprimento 0^m,30, de largura 0^m,06 e altura 0^m,04.

A pia imediata à antecedente, e que lhe fica mais próxima, é uma pequena cavidade, de forma quadrada, e tem tanto no comprimento como na largura 0^m,23 e de altura 0^m,15. Está completa, em bom

estado e não tem bueiro para escoão. A terceira pia, a maior das duas que nos ficam à esquerda, está incompleta; destruíram-lhe a parede da frente, uma das laterais toda e uma pequena parte da terceira parede. Pode constituir-se de novo pelos vestígios que ficaram na pedra. Tem de comprimento 3 metros, de largura aproximadamente 2 metros e de altura 0^m,34. A quarta e última pia está, como a antecedente, incompleta; tem toda a parede da frente destruída, mas pode reconstituir-se pelos vestígios que ficaram. Tem de altura 0^m,60, de largura 0^m,54 e de altura 0^m,15. Não se pode verificar com certeza se estas duas últimas fossas tinham ou não bueiro para escoamento; parece, porém, que não tinham. O que não existe é comunicação entre as diferentes fossas, quer por bueiros ou orifícios, quer por canal ou sulco.

Pombal do Serpa

Na extremidade sul do Freixo há um enorme e alto morro de granito, que desce em encosta mais ou menos inclinada para todos os lados. É acessível. Na coroa do morro, que é quasi plana, está construído um pombal, pertencente ao Sr. A. de Serpa, morador em

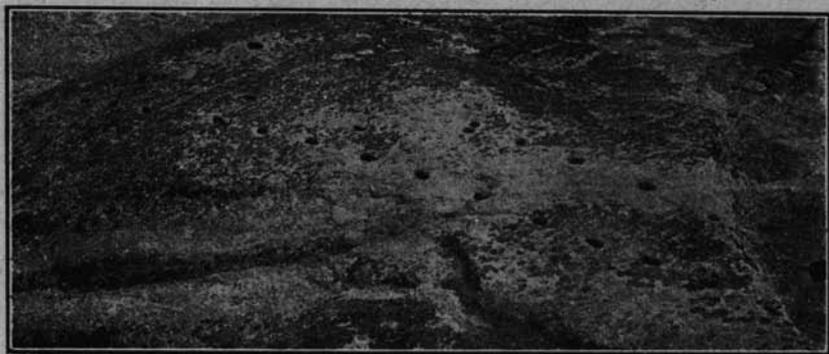


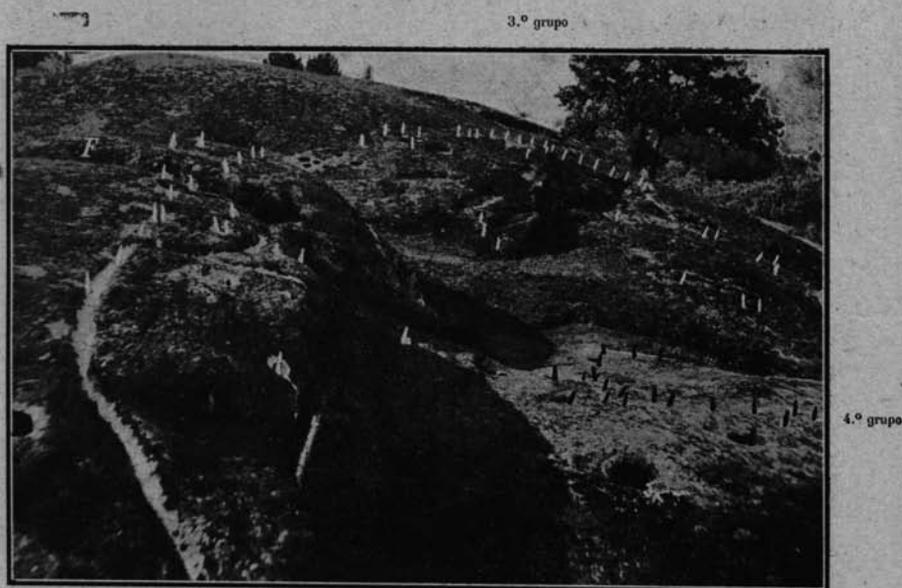
Fig. 10 — 1.º grupo — Pombal do Serpa

uma casa próxima. A sudeste do pombal está uma grande fraga de granito, com a face toda plana, muito ladeiranta e escorregadia. Na superfície desta pedra acham-se gravadas as insculpturas. O sulco, que se acha cavado na parte mais elevada da fraga e que atravessa esta de uma extremidade a outra, dá escoante para os dois lados. (Figs. 10, 11, 12 e 13).

Ao fundo, na extremidade da pedra e no ponto em que esta se acha em contacto com o solo adjacente, há um recorte rectangular.

Não é fácil imaginar o que isto seja, nem que préstimo pudesse ter: não é escada nem tam pouco fossa. As cavidades abertas na superfície da pedra, na disposição que mostram as nossas gravuras, umas tem a forma quasi oval, outras, as maiores, são circulares; mas estas últimas são mais largas na abertura e mais estreitas no fundo.

Como a inclinação da pedra é toda de poente para nascente, para onde tem um declive muito forte, talvez o sulco, que está cavado quasi ao cimo da laje, tivesse por fim abrigar as cavidades que lhe ficam inferiores, das infiltrações do terreno superior ao sulco. Não lhe descubro outro préstimo.



Sulco

Fig. 11 — Pombal do Serpa — F = fossa

As covinhas estão marcadas com papeis brancos e pretos

As covinhas do Pombal do Serpa estão dispostas *grosso modo* em 5 grupos: o primeiro grupo tem as covas dispostas em duas fiadas, em linha recta, o segundo, terceiro e quarto grupos apresentam uma particular disposição. O segundo e terceiro seguem-se descrevendo uma curva, com tendência para a espiral; no quarto grupo as covinhas estão dispostas em espiral; no quinto grupo não há disposição especial.

No primeiro grupo há 25 covinhas, ovulares, cujas dimensões, são iguais, medindo 10 centímetros de comprimento, por 5 centíme-

tros de largura e 5 centímetros de profundidade. Assentam na es-corregadia do penedo, que desce do alto da fraga para o caminho. Ao cimo há um pequeno sulco em semicírculo cujas extremidades estão apagadas.

No segundo grupo há a notar: uma fossa quadrangular, grande, com a parede anterior aberta, tendo ao lado abertos rasgos para manejo de porta ou adufa; desta parte um sulco vertical que cai numa fossa quadrangular mais pequena que pertence ao quarto grupo.

Da fossa para cá, no alto do penedo há um sulco, que sobe na primeira porção e em seguida desce para a extremidade do frágão. Este sulco é cortado por outro mais pequeno que o cruza na parte mais elevada.



Fig. 12—3.º grupo

As covas dispõem-se aos lados e no próprio leito do sulco, umas após outras, algumas, poucas, irregularmente espalhadas. Do lado de lá da fossa, as covas seguem a linha geral das covas do lado de cá, continuando-se, depois, de um rebaixo no penedo com as do terceiro grupo.

As covas do terceiro grupo continuam a linha curva das do segundo grupo. Além da fiada regular há outras covas irregularmente dispostas, como bem se pode apreciar nas gravuras.

O quarto grupo é composto de covinhas mais pequenas que as dos outros grupos dispostas em espiral. Por baixo da fossa grande do segundo grupo há uma pia quadrangular toda vedada, e que tem

na parte superior um sulco, que corre ao longo do frágão descrevendo uma curva e vem cair na parte mais declive.

Fossa



Fig. 13 — Pombal do Serpa — Vista de frente — 4.º grupo

Há nos 5 grupos 250 covinhas de dimensões variáveis, umas ovalares, de fundo estreito, afuniladas, outras redondas cilíndricas, outras redondas e cónicas, outras, poucas, quadrangulares.

Inscrições lapídeas

A meio da povoação do Freixo encontra-se uma ara romana com inscrição, que está servindo de pedestal a uma alta cruz de pedra, erguida a meio da rua, perto da igreja. É uma lápide de granito, de forma octogonal mas primitivamente quadrangular, emoldurada, de 0^m,70 de altura, 0^m,35 de largura central e 0^m,32 de espessura. Era primitivamente quadrangular, mas, para lhe darem a nova forma que agora tem, cortaram-lhe de alto a baixo as quatro esquinas, e com esta amputação cortaram-lhe algumas letras da inscrição.

Na 1.^a linha falta a letra final, um I e metade da letra V que a precede.

Na 2.^a linha, a primeira letra, que é um O, está reduzida a metade, e da letra final, que era um S, apenas subsiste visível na pedra uma ténue parte da extremidade inferior da letra.

Na 3.^a e última linha foi amputada a primeira letra, um L. Desta letra ainda existe visível a extremidade da haste horizontal que escapou ao corte.

Reproduzimos o texto desta inscrição tal qual se acha atualmente.

MS I O V
O M V S
L M

Feita a restituição das letras amputadas, dá a seguinte leitura.

MS I O V I
O M V S
L M

A leitura das duas primeiras letras M S tem suscitado dúvidas. Em virtude de leves defeitos que se notam na superfície da pedra, parece que estas letras formam sigla de ligação e parece também que existiu um traço horizontal a meia altura das duas primeiras hastes da letra M, ligando-as entre si. A ser isto exato, nesse caso em vez das duas letras simples M S, teríamos as siglas ligadas da seguinte forma, MS. É esta a única dúvida que suscita a leitura da epígrafe.

Não me julgo com competência para resolver a questão; no entanto direi que, depois de ter examinado por várias vezes esta pedra, hesitante entre uma e outra hipótese, me parece afinal que tal ligação não existe. Esta observação fiz eu em tempo ao meu falecido amigo Martins Sarmiento, expondo-lhe as razões em que me fundava, mas o distinto arqueólogo não as aceitou¹.

A poucos passos do local onde se acha esta lápide estava um marco miliário, já mutilado na extremidade superior; conservava apenas a parte final da inscrição, que era do teor seguinte:

I N V I C T O
A V G . P M
T R I . P . P . P .

O que falta para completar a inscrição perdera-a na mutilação sofrida.

Teve um fim desastrado, o malaventurado marco. Um dia que ali conduzi o meu amigo José Leite da Vasconcelos para lhe mostrar esta e outras antigualhas, fomos dar com êle entre as mãos duns desalmados pedreiros, que o tinham partido em bocados e lhe estavam aplicando com fúria de canibais as derradeiras marteladas sacrílegas: das letras, poucos e raros vestígios já restavam.

¹ Esta ara foi removida para o Museu Etnológico de Belém.

Mais bem sorteada foi uma ara romana que estava um pouco além do malogrado marco, à borda dum poço: levou-a Martins Sarmiento para o seu museu de Guimarães, e lá se acha agora felizmente ao abrigo das injúrias dos selvagens. É interessante esta lápide, que na sua epígrafe nos revela o nome dos habitantes da extinta briga do Freixo. Eis o seu contexto:

G E N I O
L O N C O B R I
C E N C I V M
A N I V S
V . S . A . L . M .

Em cada uma das duas primeiras linhas desta inscrição falta a primeira letra: na primeira linha um G, na segunda um L. Vão indicadas em traço pontuado. A restituição é de F. Martins Sarmiento.

Construções

Na extremidade sul do Freixo estão ainda de pé parte dos muros de dois pequenos edificios construídos de pedra miúda e cimento; são conhecidos pelo nome de *capela dos mouros*. (Fig. 14). Eram

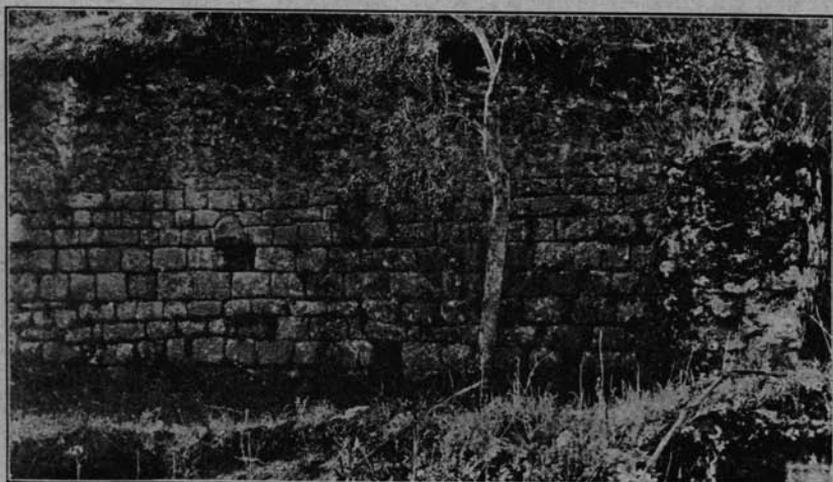


Fig. 14 — Restos de edificios — Capela dos Mouros

abobadados. Ao pé vêem-se restos duma outra parede, e no leito do caminho vicinal, que passa ao lado destas ruínas, vêem-se vestígios dos alicerces duma pequena casa quadrada.

Extracto das *Memórias Paroquiais* de 1758:

Freguesia de Santa Maria

«Esta a Parochia desta freguezia dentro do lugar do Freyxo que algum dia foi cidade de Mouros...». (T. XVI, fl. 1104).

«Não tem privilegios dignos de memoria e antigamente foi este lugar do Freyxo cidade de Mouros, não se acordam os annos, só por certeza de que foi habitada de Mouros existe ainda ao fundo do dito lugar parte de huma Mesquita que mostra hauer sido caza dos seus falsos Deuses pellas ruinas que testificam sua grandeza, e no mesmo sitio tem apparecido varios trastes dos mouros enterrados em caixões de pedra labrada; e ainda apparecem destas cousas, porem de pouco vallor e deterioradas da terra como são loussas e Talhas; e na conferencia deste lugar apparecem em portas alicerces de muros com que algum tempo foi murada». (T. XVI, fl. 1107).

Nota.—Dentro do prédio fronteiro à capela dos Mouros appareceram há anos algumas sepulturas revestidas de pedra lavrada. Vi algumas dessas pedras. Disse-me um homem que assistira à descoberta destas sepulturas que dentro delas só se tinham encontrado alguns púcaros ou vasos de barro. As sepulturas eram quadrilongas e para inumação.

No anno de 1900 appareceu enterrado um machado de pedra polida e juntamente algumas poucas contas de ribeirite. Levou tudo para Lisboa o José Leite de Vasconcelos.

No mesmo local appareceu, alguns anos depois, uma pequenina figura de bronze, enterrada, representando o deus Cupido. Deu-a o Manuel ao José Leite de Vasconcelos.

Sepulturas

Estatística das sepulturas com formas do corpo humano, cavadas nas fragas e penedos de granito, de que tenho noticia:

Freguesia do Freixo

Uma nos penedos da Rebêla; uma outra no sítio do Outeiro; uma outra no sítio da campa, no prédio rústico denominado a Venda; cinco outras (grupo) no mesmo prédio da Venda, dentro de uma corte de gado, abertas na fraga de granito que serve de pavimento à dita corte; duas ao lado sudoeste da casa de Agostinho de Serpa, no terreiro onde êle tem actualmente um canil. Desfê-las quando mandou construir o canil. Havia mais algumas perto destas últimas, que desfizeram há muitos annos.

Freguesia de Tuias

Duas sepulturas na bouça denominada a Campieira, sita ao lado noroeste da igreja paroquial e a curta distância desta.

Freguesia de Vila Boa de Quires

Uma sepultura perto do monte do Crasto. Uma outra ao pé da antecedente, mas que eu não vi.

Freguesia de Sobre-Tamega

Duas sepulturas no monte das Campas perto das caldas de Canaveses.

Freguesia de Santo Isidoro

Uma sepultura sita entre a Portela e a Livração. Destruída há poucos anos.

Freguesia de S. João da Folhada

Seis sepulturas no sítio de Igreja Velha, perto do castro da Moura (grupo). Ao lado da igreja paroquial, no adro, não sei quantas.

Freguesia de Taboado

Uma sepultura no lugar de S. Mamede; uma outra no Outeiro, perto de Santa Maria; duas ao pé da poça de Marradouros. Consta que há mais alguns soterrados perto da tórre de Nuvões, no sítio chamado as Campas.

Freguesia de Soalhães

Duas sepulturas um pouco acima do lugar do Poço; neste mesmo sítio dizem-me que há mais algumas ao pé daquelas, mas que estão soterradas. Uma outra também perto do lugar do Poço, desfeita há poucos anos. Duas no lugar de Miraz. Há mais algumas nos seguintes sítios: nos penedos de S. Francisco, no sítio da Lavra; no monte de Pinhão e imediações; e, finalmente, na estrada de Soalhães para Campelo. Asseverou-me há muitos anos pessoa idosa que no adro da igreja de Soalhães havia uma porção destas sepulturas, cavadas em um morro de granito, que o último abade prelado mandou desfazer para alargar e aformosear o adro. O último abade prelado de Soalhães foi José Maria Vieira Tovar e Albuquerque, irmão do visconde de Molelos.

Uma sepultura mais no monte das Coriscadas.

Tórres ou habitações fortificadas**Freguesia de Várzea de Ovelha**

Existiu numa tórre no lugar da Pedra da Légua. Já nada existe. Parece que era solarenga. Não sei a que familia pertenceu. A propriedade onde esteve a tórre pertence actualmente a António Monteiro Borges de Araújo, ali residente. Aparecem ali cacos de tégulas e louça de barro, etc.

Existiu outra nesta freguesia, chamada a tórre de Gouveia. Ainda restam vestígios dos seus alicerces. Era construída na coroa plana dum grande penedo, inacessível. Para subir à coroa do penedo é preciso empregar uma escada portátil. Em cima do penedo, onde esteve a tórre, está actualmente um *canastro* ou *espigueiro* onde um lavrador do sítio recolhe espigas de milho. Não sei de que família era solar. Era, como se vê da posição que ocupa, uma tórre de defesa.

Nos terrenos adjacentes a uma e outra destas duas tórres apparecem cacos de louça de barro, tijolo e fragmentos de telha com rebordo, telha romana.

As duas tórres eram de forma quadrada.

Freguesia de Taboado

Havia uma tórre de cantaria quadrada e com ameias em perfeito estado de conservação, no lugar da *Pena*, chamada a *tórre da Pena*. Conheci-a quando estava completa. Está edificada sobre um grande penedo, do qual toma toda a face superior. É quadrada, de alvenaria assente em fiadas regulares e sucessivas, e coroada de ameias. Tinha uma só porta de entrada do lado do nascente. Tinha janelas. O penedo é inacessível sem o auxilio duma escada volante, que se encosta ao penedo para atingir a porta de entrada da tórre. Pertenceu aos Condes de Vila-Pouca, que a venderam aí por 1870 e tantos. O novo possuidor da tórre apeou parte dela para empregar a pedra noutra construção, numa cozinha, me disseram (!), — o bruto! —

Na quinta de Nuvões, desta freguesia, há outra tórre, quadrada, igual na architectura à antecedente, com janelas, ameias e terraço no cimo. Está assente em terreno chão e não sobre um penedo. Parece-me edificação de data mais recente que a da Pena, e presumo que não remonta a data anterior a 1500. Contiguas estão duas casas de habitação, uma antiga, baixa e pequena, talvez coeva da tórre; a outra (com as paredes apenas levantadas, pois não concluiu de todo), de data mais recente (1800 e tantos). Está tórre é solarenga, solar dos senhores de Nuvões, Correias Sosas Montenegros. Pertence actualmente aos Montenegros, da casa de S. Tiago da referida freguesia.

Uma e outra destas tórres tem quinta anexa, a de Nuvões vinculada e a da Pena creio que também era vínculo¹.

(Nuvões — Diogo de Barros comendatário, etc).

¹ As gravuras destas tórres vem no artigo anterior.

Freguesia de S. João da Folhada

No lugar do Vinhal houve uma tórre, da qual restam apenas vestígios; estava assente em cima dum enôrme penedo, de grande altura e inacessível por todos os lados. Era, como se vê, uma tórre de defesa. Chamava-se a tórre do Vinhal, solar duma antiga, nobre e poderosa familia do mesmo apelido, da qual descendem casas da principal nobreza de Portugal e Espanha. Eram ricos-homens, e apparecem desempenhando elevados cargos no reinado de D. Dinis e subsequentes. A última senhora desta tórre e do vínculo que lhe andava anexo foi Branca Anes do Vinhar, que, por não ter successão, legou o vínculo, a tórre e todos os seus haveres a seu parente D. João Martins de Soalhães, primeiro abade Prelado da igreja de Soalhães, Bispo de Lisboa e depois Arcebispo de Braga, onde morreu e onde jaz. Passou depois a posse desta tórre e vínculo no ano de 1304, em que foi instituído o vínculo de Soalhães para Vasques Anes de Soalhães, filho natural (legitimado por carta régia) do ditó D. João Martins de Soalhães, ascendente dos Marqueses de Ponte de Lima e Condes de Penela. Em 1504 D. João de Vasconcelos, 1.º conde de Penela, vende, com autorização régia, a tórre e vínculo do Vinhal a seus parentes Francisco Anes de Campos e mulher D. Iria Nogueira de Castro, senhores da quinta de Quintã, em Soalhães. Hoje possui a tórre e quinta do Vinhar, por carta de compra, o Conde de Leiria, descendente também, por sua avó paterna, de Francisco Anes de Campos e de sua mulher D. Iria Nogueira (de Castro).

Freguesia de Soalhães

No lugar de Cadimes existem vestígios da tórre solarenga, chamada a tórre de Cadimes. A tórre e prédio anexo pertenciam a D. João Martins de Soalhães, Arcebispo de Braga, do qual falámos atrás. Deixou-a vinculada a seu filho Vasques Anes de Soalhães, de quem já falámos também. A tórre é com certeza anterior ao ano de 1300, porque nessa data já há notícia dela; mas ignoro a data certa da sua construção. Andava na posse dos Marqueses de Ponte de Lima, descendentes e successores do instituidor do vínculo. Há muitos anos que os Marqueses alienaram este vínculo.

No lugar de Telhe um paço e há também o Paço de Vila Pouca.

Freguesia de Vila Boa de Quires

No sítio denominado a Tórre, na margem direita do riacho Lajes, existem tenuíssimos vestígios da tórre de Porto Carreiro. Estava

assente na coroa plana dum rochedo de granito, de uns quatro a cinco metros de altura e inacessível. Do lado do sul estabeleceu uma rampa que dá acesso para a coroa do plano superior do rochedo, e a uma das extremidades desse plano está a ermida da invocação de Nossa Senhora das Dores, já em começo de ruínas. A coroa do rochedo poderá ter, aproximadamente, oito a dez metros de comprimento por outros tantos de largura. Encostada ao rochedo está uma casa de habitação, não muito antiga, pertencente a um lavrador do sítio, à entrada da qual vi tombadas no chão pedaços de fustes de colunas de granito e capitéis emoldurados de construções mais antigas e luxuosas. Actualmente, o eirado, em cima do qual se firmava a nobre torre solarenga, está convertido em eira, na qual o lavrador, dono do prédio contíguo, seca vulgarmente as suas espigas de milho. *Habent sua fata.* A torre datava do séc. XII, e atribui-se a sua fundação a D. Reimão Garcia de Pôrto Carreiro, um dos companheiros do Conde D. Henrique, que lhe fez doação da terra de Pôrto Carreiro. Era o solar desta ilustre e poderosa família, da qual descendem casas da maior nobreza de Portugal e Espanha, incluindo a última imperatriz de França, mulher de Napoleão III.

Freguesia do Freixo

No lugar de Covas creio que houve uma torre no sítio que ainda actualmente conserva esse nome.

Freguesia de Vila Boa do Bispo

No monte chamado a Tapada das Cabras, perto da ermida onde foi martirizado o Bispo do Pôrto D. Cisnando, há umas sepulturas revestidas de lajes de granito.

(Dentro da igreja do mosteiro e cláustro estavam as sepulturas da família de Mousinho Viegas, de dois priores e da família Geraldês).

Há ainda os Paços do Pombal.

(No monte da Cabreira, 1902, sepulturas luso-romanas).

Freguesia de Paços de Gaiolo

Nesta freguesia há um paço que parece ter sido do primeiro senhor desta freguesia.

Freguesia de S. Nicolau de Canaveses

Na Rua de Canaveses está o Paço de D. Mafalda de Sabóia, mulher de D. Afonso Henriques e que deixou como albergaria.

Freguesia de Santa Eulália de Constança

Nesta freguesia o Paço de Soutelo de D. Mafalda.

Freguesia de Carvalhosa

Um Paço de D. Mafalda.

MANUEL DE VASCONCELOS.

Sobre alguns objectos protoistóricos e lusitano-romanos, especialmente de Alpiarça e Silvã

Das idades dos metais e da civilização lusitano-romana poucos documentos tenho reunido no incipiente Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Porto. Nem a índole da colecção arqueológica que estou organizando, — e que é principalmente de preistória —, nem a insignificância das dotações daquele gabinete, permitem se alargue o âmbito das aquisições e das pesquisas no que respeita a materiais dessas épocas, aliás de tam grande interesse.

À idade do bronze supponho poder attribuir alguns objectos de cerâmica e bronze de Tanchual (Alpiarça), embora com a reserva indicada pelo facto das condições de jazida serem imprecisas, e do reconhecimento *in situ* não ter sido efectuado oportunamente e acompanhado das necessárias precauções e pesquisas.

Esses objectos foram recolhidos há bastantes anos por trabalhadores rurais que plantavam vinha e que os encontraram quasi todos a cerca de 1^m,20 de profundidade. Ofereceu-mos amavelmente, há dois anos, o Sr. Carlos Relvas, proprietário dos terrenos em que se fez a descoberta. São braceletes de bronze e vasos de cerâmica, e parece que tanto uns como outros foram recolhidos em mais do que um ponto do terreno. Infelizmente não me foi possível alcançar outras indicações sobre a disposição dos objectos, natureza e declive do local, existência ou ausência de sepulturas, de vestígios de habitações, etc.

Os braceletes são abertos, de secção quadrangular, e a sua análise foi obsequiosamente feita pelo Sr. Dr. José Pereira Salgado, 1.^o assistente de química da Faculdade. Não diferem consideravelmente, na forma, dalguns exemplares de El Argar, Fuente Alamo, Caldero de Mojacar, e outras estações protolísticas ibéricas¹. São

¹ Enrique y Luis Siret, *Las primeras edades del metal en el sudeste de España*, Barcelona 1890.